

Carta inédita de Jorge de Lima para Adolfo Casais Monteiro¹

Está por fazer a história das relações de Jorge de Lima com Portugal ou com a cultura portuguesa. E ela de modo algum se afigura desprovida de interesse, quer para portugueses, quer para brasileiros, quer para africanos de língua portuguesa; porque, além do mais, Jorge de Lima influenciou decisivamente, tal como Manuel Bandeira e Cecília Meireles, a poesia portuguesa, cabo-verdiana, são-tomense e angolana dos anos 30 e 40; que essa influência não cessou nos anos posteriores, quando passaram a ouvir-se mais as vozes de Drummond e de João Cabral, prova-o abundantemente a poesia de Ruy Belo; e não é necessário citar outros nomes.

O sucesso que Jorge de Lima conheceu a partir da publicação dos *Poemas* (1927), mas, sobretudo, do poema «Essa negra fulô» (1928), que passaria a fazer parte obrigatória de todas as antologias e de todos os recitais de moderna poesia brasileira, trouxe também a Portugal o grande poeta alagoano. É sintomático que José Osório de Oliveira ainda o não cite na sua *Literatura Brasileira* de 1926, onde já alude, por exemplo, a Cecília Meireles e a Tasso da Silveira. Na conferência *Poesia Moderníssima do Brasil* (Coimbra Editora, 1930), Manuel de Sousa Pinto ainda se lhe refere em termos breves e incorrectos: «Da mesma Paraíba veio, pela mão de Jorge de Lima [sic], no seu livro *Poemas*, este menino Jesus» (p. 21). Mas já em 1931 Jorge de Lima colaborava na *Presença* com o poema «O Filho Pródigo». Tratava-se do número 33, de Julho-Outubro: o mesmo em que Ribeiro Couto escrevia sobre «Dois poetas de Alagoas»; e no número 45, de Junho de 1935, aparecia um artigo, «Defesa da poesia», antecedido das seguintes palavras: «Jorge de Lima, grande poeta brasileiro que Portugal precisa conhecer e amar, envia-nos esta admirável defesa da Poesia. Que lha agradeçam todos os poetas!»; e no número 46, de Outubro de 1935, Alberto de Serpa (é de supor, pelas iniciais A. de S.), que no mesmo ano dedicara «a Jorge de Lima, grande poeta do Brasil» o seu livro *Descrição*, criticaria o romance *Calunga* (sobre o qual três décadas mais tarde uma cabo-verdiana viria a escrever uma tese, dirigida por Vitorino Nemésio); e no penúltimo número da referida «folha de arte e crítica» (Novembro de 1939) Adolfo Casais Monteiro criticaria o ensaio de Manuel Anselmo *A Poesia de Jorge de Lima*, que, sendo dum autor português, é dos primeiros estudos alentados sobre o poeta.

Não se pense, porém, que se ficou pela *Presença* a presença de Jorge de Lima em publicações portuguesas da década de 30, para não irmos menos longe no tempo e falarmos de revistas como *Távola Redonda* e *Árvore* (nas quais há inéditos do poeta) ou da *Antologia* que António Rebordão Navarro lhe consagrou em 1965. Por exemplo, no 2.º número de *Descobrimento*

1. Texto publicado originalmente em *Revista Colóquio/Letras*. Documentos, n.º 50, Jul. 1979, p. 61-64.

(Verão de 1931) vem uma nota não assinada (mas decerto da autoria do secretário de redacção, administrador e editor José Osório de Oliveira), que dá Jorge de Lima como «um parnasiano de talento que se converteu ao modernismo, escrevendo coisas como o ‘Poema de duas mãozinhas’, duma emoção mal disfarçada pelas notas: pitoresca, infantil e humorística, tão queridas dos novos poetas» (pp. 315-316). Nos n.ºs 1 e 7 da *Revista de Portugal* de V. Nemésio, respectivamente de Outubro 1937 e de Abril 1939, são inseridos poemas de Jorge de Lima; e no n.º 8 (Julho 1939) Albano Nogueira critica *A Túnica Inconsútil*, assim como no n.º 9 (Janeiro 1940) faz a recensão do referido ensaio de M. Anselmo. E na *História Breve da Literatura Brasileira* de José Osório de Oliveira, publicada em 1939, o seu nome aparece já várias vezes. Poucos anos depois, Jorge de Lima colabora também na revista *Atlântico*, que, curiosamente, reproduz três quadros dele (no número 5 da nova série).

É na década de 30 que, certamente por intermédio de Ribeiro Couto, Jorge de Lima se relaciona epistolarmente com modernos escritores portugueses, com quem também troca livros (e alguns dos quais até viria a conhecer pessoalmente). Entre eles, estão naturalmente os homens da *Presença*, e em particular os seus diretores. A propósito, conviria lembrar coisas como estas: que a inquietação religiosa dos presencistas interessaria decerto a um homem tão profunda e inquietantemente religioso como era Jorge de Lima; que Alberto de Serpa viria a representá-lo bem na sua antologia *As Melhores Poesias Brasileiras* (Lisboa, 1943), atribuindo-lhe poemas «cuja pujança poética resistirá a todos os embates do que vier», e sobre ele escreveria a «Lição vinda dum arranha-céus» do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1954); e que João Gaspar Simões teria a honra de prefaciar a primeira edição (1952) desse enorme livro enorme que é *Invenção de Orfeu*, que nenhum jovem poeta que se preze deveria deixar de ler.

Como é de supor, Adolfo Casais Monteiro não constituiu uma excepção – ele que desde 1932 se interessara especialmente pela literatura do país onde viria a viver largos anos e a morrer. A carta que a seguir se transcreve testemunha-o bem, pois pressupõe a existência de outras, e a duma relação que não era nem esporádica nem desatenta.

Essa relação é possível que date desde o tempo da primeira colaboração de Jorge de Lima na *Presença*, mas deve ter-se intensificado a partir da publicação do ensaio de Casais Monteiro «Um grande poeta do Brasil: Jorge de Lima» na revista *Portucale* (vol. VII, n.º 41-42, Setembro-Dezembro de 1934), ensaio que veio a incluir, com cortes e uma introdução, e sob o título simples «Jorge de Lima», no volume *Figuras e Problemas da Literatura Brasileira Contemporânea* (S. Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1972), onde também inclui o texto «A perigosa enumeração», provocado por Jorge de Lima. Casais publicaria ainda, no *Comércio do Porto* de 26-I-1954, um «in memoriam» do autor de *Invenção de Orfeu*, falecido cerca de dois meses antes. Jorge de Lima correspondeu à simpatia do primeiro dos textos de Casais (o segundo era, por sinal, pouco lisonjeiro – e injusto – para o autor brasileiro, como já em tempos notou Fernando Cristóvão, no *Colóquio/Letras*, n.º 19, 1974, p. 96) com o artigo «A moderna crítica em Portugal»

(*Diário Carioca*, 10-XI-1935), a que adiante se fará maior referência (v. nota 2); e dedicaria a Casais o poema «Os trezes dias a caminho do deserto» de *A Túnica Inconsútil*. Aliás, Casais seria o primeiro dos escritores portugueses contemplados na dedicatória do *Livro dos Sonetos*, sendo os outros Alberto de Serpa, Carlos Queirós, João de Barros, João Gaspar Simões, José Osório de Oliveira, José Régio, Maria da Saudade Cortesão e Vitorino Nemésio.

Porque a carta de Jorge de Lima também documenta o interesse e a simpatia que ele sempre manifestou pela cultura portuguesa, antiga e moderna (dos cancioneiros e de Camões aos contemporâneos), erudita e popular. Não se esqueça inclusivamente o que muitos críticos e historiadores da literatura brasileira têm ignorado: que entre as obras do escritor alagoano, tão bom conhecedor do ruralismo do seu povo, que aliás é dos mais fiéis guardadores, no Brasil, das tradições populares portuguesas, se conta a antologia intitulada *Os Melhores Contos Rústicos de Portugal* (Rio, Ed. Dois Mundos, 1943), para a qual escreveu um interessante prefácio, e em que inclui textos de Raul Brandão, Ramalho Ortigão, Pedro Ivo, Teixeira de Queirós, Trindade Coelho, D. João da Câmara, Antero de Figueiredo, Brito Camacho e José Loureiro Botas. Nem se esqueça que desde a primeira adolescência Jorge de Lima se habituara a ler ou a ver escritores e contistas portuguesas, como o sugere a carta que em 28 de Setembro de 1953 dirigiu a João de Barros: «[...] já em 1912, tudo que vinha do seu privilegiado cérebro e do seu generoso coração me dava particular interesse e, sobretudo, encantamento. // A página cuja cópia lhe enviei reproduzindo os seus belos versos, foi publicada na revista *O Gato*, semanário de crítica e caricatura que fundei em 1910 e que, naquela distante época, pela novidade e, talvez, pela irreverência, despertou algum interesse. // Foi inspirado na arte de humorismo de *L'assiette au beurre* [jornal de Paris onde colaborava Leal da Câmara] e *L'asino*, essas admiráveis publicações de ruidosa vida, no começo do século, que lancei, sob o pseudónimo de Hugo Leal, o meu modestíssimo álbum de caricaturas, cujas gatimanhas tristemente se distanciaram das que lhe deveriam servir de exemplar modelo...» (in *Cartas a João de Barros*, selecção, prefácio e notas de Manuela de Azevedo, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, s/d, p. 332).

E já agora, não se esqueça também que Jorge de Lima fez parte, com Bandeira, Murilo Mendes e Cecília Meireles, da comissão promotora dum banquete de homenagem a Aquilino Ribeiro, realizado no Miramar Palace do Rio em 29 de Maio de 1952. O autor de *Invenção de Orfeu* morreria no ano seguinte.

Arnaldo Saraiva

Meu caro Adolfo Casais Monteiro,
eu vi logo que o seu silêncio tinha motivo justo. Por isso não estava reparando, não. Você receba meus pesames pela morte de Leonardo Coimbra¹. O artiguete que escrevi sobre sua crítica foi coisa feita na redação do «Diário Carioca» apenas para satisfazer um lançador de copyright². Você é credor de estudo verdadeiro, longo, ótimo, como você merece. Felizmente os outros jornais dos Estados transcreveram o artigo sem tantos erros de revisão. Agora mesmo estou recebendo um recorte enviado do serviço «Lux»: é um jornal do Acre que estampa a minha apreciação sobre você com uma nota interessante de tão mal escripta. Li ultimamente um bom livro de poemas «Desaparecido»³. Qual o seu novo livro? Essa ideia de semanário que pretende tirar em breve, acho ótima, principalmente tendo um alto espírito como o seu á testa⁴. Aceito o convite que me fez. Os nomes de Mario, Couto, Tasso⁵ não podiam ser melhores. José Lins do Rego, Andrade Muricy também muito bons. O endereço de Muricy é o mesmo de Tasso. O de Lins é o mesmo meu endereço. Elle vem diariamente á minha casa. Afinal, quando sai o grande semanário? O plano que me enviou é bem bom.

Espero que não haja tão cedo outro motivo serio para você interromper a nossa correspondencia. Gosto de conversar com você. Um abraço de seu admirador amigo:

Rio, 5.I.36

Jorge de Lima

Notas

1. Leonardo Coimbra faleceu num desastre de automóvel em 2 de janeiro de 1936 – três dias antes de escrita esta carta, o que parece sintomático do conhecimento que Jorge de Lima teria das relações que ligavam Casais Monteiro ao autor de *O Criacionismo*. E na verdade sabemos como foram estreitas tais relações, que terão começado possivelmente quando Casais Monteiro, cerca de vinte e cinco anos mais novo que Leonardo Coimbra (nascido na Lixa em 1883), frequentou a antiga Faculdade de Letras do Porto, que Leonardo ajudara a criar e prestigiara como professor, mas que mais se estreitaram nos últimos meses de vida do inditoso filósofo, quando este passara a dar aulas no Liceu Rodrigues de Freitas, também no Porto, onde foi colega do mesmo Casais, que aliás se formara em Ciências Histórico-Filosóficas. Homem superior pela inteligência, pela personalidade moral e também pela palavra fácil e brilhante, Leonardo criou uma série de discípulos, entre os quais se poderia contar Casais Monteiro (visado, como outros, no texto que Jorge de Sena incluiu no seu *O Reino da Estupidez*, Lisboa, 1961, sob o título Fragmento de uma crónica perdida referente às ‘Origens da Filosofia Portuguesa’»). Não é de estranhar, pois, que Jorge de Lima lhe enviasse os pêsames pela morte do que fora seu mestre, seu colega e seu amigo.

2. Trata-se do artigo intitulado «A moderna crítica em Portugal», publicado no *Diário Carioca* de 10 de novembro de 1935, e que começava assim: «A moderna crítica literária exercida em Portugal por José Régio e João Gaspar Simões (lembro principalmente a marginália do livro *Ciúme* de António Botto) atingiu nos escritos de Adolfo Casais Monteiro a sua maturidade, sendo este o mais jovem de seus críticos. Poucos livros tão sábios e tão simples existirão no momento actual de toda a literatura europeia como esta grande obra – *Considerações Pessoais*.»

Todavia, o artigo quase não falava da crítica portuguesa e do livro de Casais, porque se entretinha sobretudo a criticar a crítica brasileira («Ah! Quando nos dará o Brasil um crítico tão moço quanto Adolfo Casais Monteiro?» – assim terminava), e em particular os críticos de «pequenos detalhes» gramaticais e os que se satisfaziam «com os detalhes biológicos do homem, com a unilateralidade de suas premências económicas ou políticas sem descobrirem a existência profunda da criatura». Curiosamente, a última parte do artigo incidia até sobre o *Ulisses* de James Joyce; e as palavras que lhe dedicava («Ulisses é uma suma, é a síntese do homem contemporâneo»... «Romance, poema, ensaio»...) – que são também das primeiras que no Brasil se publicam sobre o genial irlandês –, revelam bem o «olho clínico» de Jorge de Lima (que aliás era médico de profissão), assim como as suas preocupações com a complexidade psicológica do homem moderno.

3. Trata-se do conhecido e apreciado livro de Carlos Queirós, que o publicou em 1935. A Carlos Queirós dedicaria Jorge de Lima o «Poema às ingenuas meninas» publicado na *Presença*, n.º 51, de Março de 1938.
4. Não sabemos exactamente de que projecto se tratou. O que sabemos é que Casais Monteiro, que em 1930 co-dirigia a publicação bem portuguesa *Princípio*, do Porto, e que no ano seguinte passaria a co-dirigir a *Presença*, que, graças a ele e a Ribeiro Couto, se interessaria pela publicação de autores brasileiros, viria em 1946-1947 a co-dirigir o semanário *Mundo Literário*, também muito atento aos escritores e artistas brasileiros: é aliás no 2.º número deste jornal (18 de Maio de 1946) que se publica o artigo de Gilberto Freyre «Jorge de Lima e o Movimento do Nordeste». Lembre-se que, ao longo do século XX, tem havido sempre intelectuais portugueses empenhados na publicação de revistas culturais luso-brasileiras: alguns projectos chegaram mesmo a ser concretizados (inclusive na década de 30): pense-se nas revistas *Orpheu* e *Atlântida*, na *Presença*, no *Descobrimento*, na *Revista de Portugal*, no *Atlântico*, e, já agora, no *Colóquio/Letras*.
5. Mário de Andrade, Ribeiro Couto, Tasso da Silveira.